ANNO II N. 3

Escola de Direito

ORGÃO DA FACULDADE

Recife, 15 de Julho de 1898.

Pela verdade...

Lascia dir le genti...

Vae para um anno seguramente que a mocidade academica, a legendaria mocidade, que com aproveitamento cursa a nossa Escola, foi de modo sôez insultada n'um jornaléco, cuja missão nobre ao iniciar-se, teve infelizmente deturpados os seus fins pela pequenez de caracter de seus mentoes.

Ferida, então, no que ella tem de mais santo — a honra, ella, a sempre altiva corporação academica protestou vibrante e esmagadoramente, atirando, em seguida, a degladiar-se na arena do jornalismo, um orgão modesto, mas criterioso, que fosse, como é, o espelho de suas opiniões, o defensor de seus interesses, e que, zelando-lhe a reputação immácula — qual baluarte inexpugnavel, puzesse um paradeiro aos ataques e enxovalhos baldos, de espiritos rachiticos que tentaram desmentir a lisura de seu nome. E fundou-se a *Escola de Direito*, no decurso de sua vida, bafejada sempre pela

8943795

confiança do glorioso corpo academico e cercada do applauso dos competentes.

E tanto bastaria para suavisar as agruras do caminho que havemos percorrido, incitando-nos a continual-o de futuro.

Se nos desempenhamos a contento dessa ardua incumbencia, qual a de manter seivosa e virente uma revista literaria no meio em que respiramos, não o sabemos; é facto, entretanto, que animam-nos a sympathia e solidariedade, nunca regateadas, d'aquelles que á frente desta folha nos collocaram.

Diz-nos a consciencia que envidamos esforços, ao nosso alcance, sem levar em conta muitas vezes sacrificios pesadissimos, para corresponder á generosidade em extremo da geração academica contemporanea commettendo-nos o espinhoso dever de, auxiliados, aliás, pela sua valiosa cooperação, redigir a *Escola de Direito*.

Fizemos um jornal de feição moderna, obedecendo a um programma, que nos orgulhamos até o presente de ter cumprido extensamente, cujas columnas abrimos, salvando préviamente a nossa responsabilidade para que se não nos acoime de incongruentes, aos assumptos mais diversos e ás opiniões mais antagonicas, desde que estas e aquelles eram lançados em termos convenientes. Não é a *Escola* um jornal especialista, dissemos, nas linhas de apresentação.

Rujam, embora, no estertor macabro de seu despeito os nossos detractores, não conseguirão afastar-nos uma linha do programma que nos impuzemos no momento de nossa apparição entre os campeões da imprensa, nem o nosso recúo ante a lucta, mas a lucta franca e leal, que não acceitam os malaventurados pregoeiros da nossa deshonra.

Energicos fomos por vezes, e isto nos primeiros albores da nossa vida, mas resta-nos a satisfação de que terçamos armas de cavalheiros, nunca descendo, asperos, a desabafos pessoaes que nos revoltam as consciencias de moços que se prezam.

No dia que assignala o facto que deu inicio á pu-

blicação da *Escola* concitamos a mocidade, que com orgulho representamos aqui, a seguir o caminho luminoso, que as passadas gerações abriram, honrando, como até hoje, o nome immaculado, por cuja inteireza nos cumpre zelar.

Ao rarefeito troço dos nossos adversarios, e como desculpa da nossa afouteza, diremos repetindo. Kant:

«Celui qui rampe comme un ver ne doit pas se plaindre ensuite d'être foulé aux pieds.»

MYSTERIO

Como um gigante aniquilado e sombrio, mergulhado no eterno sommo dos vencidos, erguia-se o palacete, silencioso e só á beiramar. Portas e janellas cerradas, paredes enegrecidas pela acção do tempo, mostrava, assim ao abandono, o aspecto rustico de um legendario templo onde a ave negra do infortunio houvesse pousado, azas espalmas, grasnando o crocitar monotono do agoiro.

Numa florescencia exuberante, cresciam-lhe em derredor os cardos e hervas damninhas, ramificavam-se luxuriantes de seiva e, envencilhadas como serpentes irmãs, lambiam já as paredes musgosas e sujas.

Dir-se-ia que, esquecido, no erro, jamais fôra habitado ou que a nuvem turva da desgraça lentamente descera sobre elle, num crepusculo dens'umbroso, apavorante...

Tinha, no entretanto, aquella casa retirada a sua historia, triste historia mysteriosa como o profundo mysterio que a envolvia, nesse placido remanso, ao qual a cadencia das ondas imprimia os laivos de uma tristeza infinita.

Sumptuosa habitação outr'ora, nella florescera o ji-

rio immaculo da Graça, a origem suprema da Ternura, essa que tivera o brilho inapagavel dos astros, se não fôra a noite trevosa que baixára, tudo envolvendo nas dobras de pesada mortalha sinistra.

E quando isto se contava, olhares curiosos, admirados, volviam-se para o predio carumchoso, como intentando descobrir, naquelles restos inanimados, o fio de uma longa historia amorosa cuja sepultura se tivesse feito no seio profundo do oceano immensuravel. Numca, porém, foi dado desvendar esse mysterio, e a flôr, maravilhosa flôr que ali vicejara num berço arminho, ali occultou-se como um astro fugidio, morrente...

Conheceram-n'a, todavia, olhos humanos, olhos que muita vez a contemplaram, languidamente recostada á janella, vendo, vendo sempre o mar, na postura de quem divisa um longinquo ponto desejado. Seismaticamente quedava-se e, deslumbrando-se na superficie glauca das ondas, parecia distinguir alguma cousa, para outros intangivel, a acenar-lhe; mas a estranha causa do seu enlevamento jamais foi conhecida, pois que, nesses momentos, o oceano deixava apenas á vista a alvura immaculada de uma vela ou o plaino intermino das aguas.

Ella, no entanto, permanecia, olhos vagueantes, absortos, seguindo, ora o vôo célere de uma gaivota, ora o sereno deslisar de uma embarcação velejando á mercê das vagas inquietas.

Por longo tempo assim foi vista a virgem seismadora, fronte apoiada na delicada mão, cabellos entregues á furia do vento que esfusiava, trazendo nas azas o cheiro acre dos sargaços.

Um dia, porém, desappareceu como por encanto: cerraram-se de vez as janellas e portas d'aquelle predio mysterioso e o silencio, o pesado silencio que envolve as cousas abandonadas, reinou emfim num somno prolongado. Sómente do mar, do grande mar espumejante e flebil, ouvia-se sempre, sempre, a melopeia tristissima das aguas...

Corrêa Pinto.

Quando partiste

Cahia a tarde tristemente quando
tu partiste. Os passaros silenciosos
voavam todos, n'um singelo bando,
Serenos pelo espaço; e luminosos
astros surgiam lucillantes pelo
ceo d estrias rutilas falgindo.

Limpido e singelo,
como um fio de perolas cahindo
n'um cofre de crystal, um jorro fino
d'agua chorava pela gruta afora.
Parecia-me um choro peregrino
d'aves cantando no raiar d'aurora.

Rubro o sol no poente
descia aos poucos. Nimbos cor de rosa
esbronzeavam-lhe os flancos levemente.

Cantava a brisa uma canção saudosa
quando partiste; e os passaros voando
d'azas abertas pelo espaco afora
seguiam todos n'um singelo bando.

1898.

ALFREDO MAIA.

NORTE—SUL

Eis-nos recentemente face a face com um problema que se agita, dizem, em nome da salvação de um territorio.

Não diremos Brazil, porque este, então terá desapparecido no mais desastroso cataclysma politico.

Questão aliàs profunda em cujo estudo se tem encanecido intrepidos estadistas, e para que evocamos as considerações sobre o assumpto dos mais talentosos e valentes publicistas.

Já a sciencia de Herodoto nos mostra que a tendencia acentuada de todos os povos é para uma agregação interminavel de definidos estados politicos.

O homem prehistorico buscando reunir-se á um outro e mais á outros, para fazer face aos meios que lhe eram exteriores, nunca procurou desligar-se d'este nucleo, senão quando levado por motivos de acção, muito superior ás suas forças.

Um atomo procura os outros, e o organismo aggrega os atomos.

Observa-se que esta cohesão e esta affinidade não se restringem aos limites do mundo physico, mas ainda, vão ao systema do mundo superior-organico e moral.

Uma sociedade procura as outras, e a nação aggrega as sociedades.

Assim tambem as nacionalidades.

Ameaçadas de todos os lados em seus dogmas politicos, em seu direito fundamental, na integridade do territorio, por poderosos visinhos, ellas se procuram, se fundem sob os auspicios da mais tremenda defeza.

Uma vista larga e indagadora atravéz dos tempos, atravéz das idades, bem longe de descobrir nações se desmenbrando, descortina a Grecia e Roma edificando vastissimos imperios, que não passaram aos nossos dias, porque faltavam-lhes esse conjuncto de condições objectivas e subjectivas de que precisa um Estado para se constituir *Nação*,

Nos fins do seculo passado, assistiamos á annexação da Saboya á França; e no actual, a unificação da Italia obra de Cavour; Bismark, o Chanceller de Ferro, reunindo sob o sceptro da Allemanha, reinos, imperios, republicas, condados; e mesmo na America, o povo norte-americano se compenetrando das desvantagens de um desmembramento unificando-se e por isto, diz Jay, prosperando sempre.

A Suissa cujos cantões gozam dos mais amplos direitos e alimentam entre si serias dissenções capazes de afastal-os por meios violentos, não se desunifica porque avalia perfeitamente as consequencias fataes de uma tal conflagração.

Objecto de seu desprezo, nos diz Hamilton, e mesmo de seus ultrajes uma triste experiencia nos fará ver que quando um povo ou um imperio se fracciona, obra directamente contra o interesse de sua felicidade.

Não vém a proposito dizer-se que a Confederação do mundo ou a sonhada Confederação Universal tão bem defendida pelo famoso genio francez, poeta ou philosopho, pensador de sua geração, é uma utopia; factos de hoje e de hontem demonstram a necessidade de um estado politico unico e geral, no qual é sómente possivel existir a paz universal ardentemente prenunciada como solução ás mais complexas questões politico-sociaes.

Nesta epocha, toda de restituições, toda de justiça, é natural que o espirito preponderante de então, eliminando-se, completamente dos falsos zelos em defeza dos quaes fez-se derramar rios de sangue e de ouros procure a união de todos os povos e verifique-se para, as nações, o que já em 1706 expendia Anna da Inglaterra, ao parlamento escocez no momento critico em que se tratava da união dos dous povos insulanos.

«Uma inteira e perfeita união será o mais solido fundamento de uma paz duravel; com ella ficará mais garantida, a vossa propriedade menos exposta; acabarão as nossas animosidades, desapparecerão os ciumes e as differenças; o nosso poder será mais forte, o nosso

commercio mais extenso, augmentarão vossas riquezas a a ilha inteira unida pelos mesmos sentimentos e livre por esta federação de todo a sorte de diversidades de interesses ficará em estado de resistir á todos os seus inimigos».

*
* *

Estudando cuidadosamente a esdruxula idéa de uma pretendida Confederação do Norte, examinemos sob os pontos de vista politico e economico quaes as causas que impossibilitam a realisação de semelhante utopia.

Consideraveis serão as difficuldades que surgirão para a demarcação de seus limites.

A Bahia, dada a scisão, não ficará na Confederação do Norte, é velha e arraigada a antinomia que mantém com algums estados do norte, principalmente Pernambuco: vém de uma causa puramente historica.

Será o limite extremo meridional do novo estado, e sem duvida Sergipe cujos interesses tanto affectam à sua vida economica, se collocará fóra da nova Confederação, formada então pelos 9 estados que se estendem do S. Francisco ao Amazonas.

Acceitando-se o que nos diz Mably sobre as discordias e hostilidades entre estados desunidos, temos que «Estados visinhos são naturalmente inimigos, salvo se a fraqueza commum os obriga á ligar-se para formarem uma republica federativa, ou se as constituições respectivas previnem as dissenções que deve trazer comsigo a visinhança, e reprimem o ciume secreto que inspira á todos os Estados o desejo de augmentarem á custa dos seus visinhos».

D'ahi a necessidade de mobilisar-se um grande corpo de exercito, que possa de prompto acudir a defeza de suas fronteiras em tão extensa região.

Difficuldade da cobrança de tributos sobre os productos das regiões limitrophes, creação de uma forte marinha de guerra para guarda e vigilancia de suas costas, e impossibilidade de acquisição de receita para fazer face, á todas estas despezas.

Diz um dos mais fervorosos adeptos d'esta propaganda--a historia na observação consciente dos actos humanos demonstra que de indole revolucionaria são todos os povos de origem latina.— Estamos de accordo e por isto é que devemos ser fortes e unidos.

Accrescente-se ainda as causas não meramente politicas, porém sim sociaes que dão lugar aos constantes movimentos revolucionarios da America do Sul, tanto mais frequentes quanto menor o Estado onde é occasionado.

Consequencias do pessimo systema colonial empregado pela metropole para melhor usufruir os seus bons resultados; coexistencia dos tres elementos de população, o indigena, o branco e o resultante—o creoulo—estes elementos tão esquerdos á moderna civilisação em liga com a pessima emigração composta do refugo das populações européas; tudo isto só pode alcançar alguma cousa„ attingir algum resultado pela força coercitiva do maior numero possivel, o que só se poderá pela manutenção da integridade politica de estados que conseguiram grupar-se como acontece no Brazil.

Em ultima analyse a idéa de um Governo central está tão arraigada no coração do proprio nortista que lhe causa muita admiração alguem em seu nome suscitar tão funesta questão.

*
* *

Acceitando-se mesmo a pretendida Confederação do Norte, qual o meio de pagar-se em parte a divida interna e principalmente a externa cujos juros tanto tem vexado a União?

Como se poderá manter a Confederação do Norte, composta na sua maioria de estados pauperrimos que necessitam do auxilio da União para viver?

Se a Amazonia se destaca chamando a si a res-

ponsabilidade de uma tal confederação, como poderia ella se haver quando fosse menor a offerta para seus productos naturaes, resultado de uma alta de cambio provavel, que valorisando a nossa moeda consequentemente diminuirá a cifra de sua receita?

Se encararmos a riqueza de um paiz não como resultante da grande producção de seu solo, porém como sequencia da maior procura de seus productos, poder-se-ha garantir o que seja a Amazonia no futuro?

A borracha sua mais abundante fonte de receita, hoje que mais necessaria se torna, começa a ter competidores, a maniçoba, o cansação, e uma outra arvore que abunda em Bombaim, e emfim a glutina de differentes plantas que começam a ser estudadas hoje, accrescidas da insalubridade das regiões onde encontram-se os seringaes, tudo isto não poderá concorrer para a diminuição de sua exportação ou procura a baixo preço, e não será quem sabe, o occaso d'esta uberrima região?

O Piauhy pobre esmoler, cuja receita inferior a sua despeza precipita-o n'uma divida consideravel; basta attendermos que para pagar despezas de mais de um exercicio foi preciso que o Congresso Federal votasse a lei n. 359 de 30 de Dezembro de 1895, concedendo o auxilio de 300 contos.

O Maranhão que lucta com serios embaraços para o pagamento dos juros de sua divida fundada, que tem deixado de pagar os emprestimos contrahidos, entre outros as apolices resgataveis em 31 de Dezembro de 1895, no valor de 300 contos, e que ainda circulam á falta de verba para recolhimento.

A divida fluctuante cresce annualmente pelas verbas destinadas á despezas authorisadas e que não teem sido pagas.

A exportação do gado findou, pela elevação do imposto,

O resultado do orçamento é o *deficit*.

O Ceará, victima do flagello que mais póde concorrer para a ruina de um estado, a secca que devasta-lhe os campos, mata-lhe os filhos e obriga os restantes a viverem expatriados ou permanecerem adventicios 23 dos seus saldos foram impotentes para fazer face a 32 deficits em 55 orçamentos seguidos.

Em 1895 devido a muitos impostos inconstitucionaes póde elevar sua receita a 2.132:628$220 com um saldo de 397:996$707, porém logo no anno seguinte viu-se reduzido a realidade, com uma differença de 27 % e o saldo de 20:088$564.

A baixa do cambio e outras causas influiram para reunir em cofre, em Junho de 1897 1.504:267$583, porém são tantos os melhoramentos que necessita, e os prodromos de uma secca como a de 77-79, em que a União foi impotente para soccorrel-o, que ameaçado está de ficar reduzido á precarissimas condições.

Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagoas, estes difficilmente vão fazendo face à suas despezas.

Pernambuco atravessa um periodo de decadencia ; a sua lavoura se amiquila, o commercio definha devido principalmente a importação directa para os estados visinhos que se proviam em seu mercado ; o velho e legendario leão que perdeu a juba no ultimo combate da 4ª dezena de 1800, vive da sua brilhante historia, uma vida de sonhos e recordações.

No sul já não se dá o mesmo, é por demais prospero o estado financeiro de quasi todos os estados. A divida activa é consideravel. Na ultimo revolução de Setembro, S. Paulo adiantou ao Governo da União grossas quantias que ainda não foram satisfeitas.

Apparece a iniciativa individual, e ahi estão para attestal-a, as companhias de navegação maritima, estradas de ferro, estabelecimentos industriaes, scientificos e etc, etc,

Ahi está a bôa colonisação que em grande parte augmenta a sua população, e todas estas riquezas, que nós poderemos ter amanhã, e que por ora esperamos, não só pela exiguidade de nossos recursos, escassez de capital circulante e mesmo causas naturaes, provir ou emanar tão sómente da União, do Centro.

Do exposto se concluirá que a Confederação do Norte terá de luctar com serios embaraços que se antolharão certamente a sua existencia, toda de privações, e produzirão a sua ruina.

Se nos apontarem como pretexto para tal Confederação, o facto dos estados do norte sobrecarregarem o governo da União, governo algum valeria e auxiliaria estes estados quando a capital da pretendida Confederação do Norte se esquivasse a esse concurso meramente improductivo.

Já um facto d'esta ordem sommado a serias desintelligencias de cada dia levava a hypothetica Confederação a um novo desmembramento e este a outro, até que o dominio de um visinho forte envolvesse estas pequeninas nações.

Estará lançado o germen da dissolução.

E terminando a nossa exposição profligando a absurda idéa de uma Confederação do Norte, diremos com o grande publicista Maddisson «Seja o resultado qual fôr desejaria que todos os cidadãos ficassem bem convencidos d'esta importante verdade:—Que qualquer que venha a ser a época em que a dissolução da União se verifique, n'esse momento poderão dizer os Brazileiros com o poeta:

Adeus minha grandeza, adeus para sempre.

Recife—1—7—98.

R. Bilhar—A. Costa.
(Nortistas)

ESPIRITO ERRANTE

Vaga no espaço azul, palpita e brilha
Como um diaphano floco de escumilha
Que estremecesse aos beijos da alvorada.
Tudo reponsa emfim! Nesta encantada

Hora de mor que á natureza humi ha,
Eu, sò, co templo a branca m ravilha,
Só, eu admiro a virgem namorada!
E que lembr nças mysticas eu sinto

De minha infancia, de meu sonho extincto,
Fitando a lua candida, insp rada.
Meu pensamento voa alem dos ares,

Meu pensamento vôa além dos ares,
Buscando doce allivio aos meus pesares
Nas solitarias regiões do **N**ada!

Pernambuco—Julho de 1895.

EDMUNDO FILHO

Confederação do Norte

Si da reunião de todos os Estados do Brasil nascesse um Estado forte e poderoso, onde a liberdade e a igualdade fossem um facto real, nós seriamos os primeiros a pugnar por tal reunião e creriamos facilmente que o Sul depauperando-se, como diz, n'esse sentido, tinha em vista um fim mais que humanitario: o de derramar o progresso na terra, ou antes, no lar de seus irmãos.

Nada, porém, d'isto se dá, e a prova é que não ha muito tempo vimos o atomico Paraguay, para sus-

Pag. 24

fens mercenarios que erguem thronos sobre oceanos de lagrimas de suas pobres victimas, não reverencia de joelhos esse povo, nâo amaldiçôa esses homens infames, que, adorando a força, adoram a arbitrariedade, a tyrannia com todo o seu cortejo de monstruosidades?

Quem é que não sente-se commovido ao ver essas immensas fogueiras a devorarem habitações onde outr'ora a alegria e a felicidade faziam desabrochar os risos infantis e harmoniosos d'essas virgens que hoje, tristes mas resignadas, entregam-se as mãos dos proprios paes, os xanthenienses, que, para nâo verem-n'as presa do vencedor, dão-lhes cabo da vida?

Quem é assaz covarde də invejar a sorte do tyranno?

Sómente o pusillanime pode querer que o Brazil seja grande para ter sempre, como a China, com que alimentar a ambição do estrangeiro, ou o tyramno para fazer como na Turquia e erguer uma forca onde quer que sonhe-se com a liberdade.

*
* *

Seria um trabalho enorme e desnecessario porque todos sabem, analysar minuciosamente a vida de nossa cara patria.

Basta lembrar que o paiz desacreditado, sem exercito, sem armada, com as finanças no mais lastimoso estado, está á merce dos caprichos de um qualquer Antonio Conselheiro que queira estender sobre nós a horrorosa cadeia da escravidão, que no momento em que a Argentina afia as garras procurando occasião propicia de atirar-se sobre nós, alguns dos poucos vasos de guerra que possuimos são vendidos ao povo que maiores males nos tem feito em prejuizo absoluto de nossa liberdade, honra e vida.

Se nos fosse permittido erguer o véo que nos occulta o futuro e sondar os seus mysterios, nós diriamos que jamais um nortista occupará a posição suprema no governo do paiz.

De facto, o Sul, com o egoismo que lhe é peculiar, não consentirá nunca que um d'aquelles que veem-n'o todos os dias a receber favores da União, ferindo assim os interesses de sua terra, occupe tal posição, d'onde, dispondo d'essa mina enorme que se chama — attribuição official—, poderia, mesmo em represalia, reparar as injustiças de que temos sido victimas.

Ninguem deve se esquecer das quantias colossaes que a União tem despendido com essas levas enormes de emigrantes que o Sul recebe sempre quando o Norte d'elles tem mais necessidade, porque é menos cultivado, dos auxilios à industria que lhe tem sido despensados, afinal de todos os meios de que os poderosos da situação servem-se quando querem conceder os seus favores.

(Continua)

LUIZ CORREIA.

Phases

I

A luz desprende o raio,
e desabrocha a INFANCIA,
clara manhã primaveril de Maio,
raro perfume, balsamo, fragancia...

II

Irrompe a ADOLESCENCIA,
faz-se o raio clarão,
clarão que envolve numa extranha essencia
um meigo e alegre e jovem coração...

III

Chega a paz da VELHICE
num triste pôr de sol,
e é como se um crepusculo enebrisse
a chamma ardente e viva do pharol !...

VII—98.

FIUZA DE PONTES.

O crime da inepcia

Vibra impetuosa a alma da mocidade da Academia do Recife, pelo écho das nossas vozes, n'um *crescendo* de indignação justissima, a condemnação dos actos arbitrarios praticados pela policia da capital da União, espancando discipulos e mestres, ecmo destruindo laboratorios da Escola Polytechnica.

Alheios inteiramente ás luctas dos partidos que no terreno da politica fazem-da Patria o joguete das suas ambições; sem liames a pear-nos a manifestação franca do nosso sentir, temos hoje como hontem, o *desarmado heroismo*, ainda nas occasiões mais criticas, d'aquelles que não se arreceiam nunca de dizer a verdade qualquer que ella seja custe o que custar,

Assim não poderão os thuriferarios da situação actual lêr nas entrelinhas deste artigo o minimo vislumbre de partidarismo ou de odio systhematico ao primeiro governo civil da Republica, senão ver no nosso proceder a mais pura expressão da verdade.

Não, mil vezes não! E' a vóz da mocidade, cujo phanal unico de seus passos foi, é e será — a Justiça, que não sabe calar— honra se lhe faça, ante a prepotencia d'aquelles que investidos da auctoridade de cargos de culminante importancia no nosso mechanismo politico-social, não lhes podem, por incapazes, medir nem comprehender a responsabilidade; é a vóz da mocidade que, semelhante a *Iidar* da legenda scandinava, enfrenta, energica e invencivel, a desorientação do governo, verberando a conducta inqualificavel de seus auxiliares na policia do Rio de Janeiro, com o qual até o presente momento parece manter solidariedade; é a vóz da mocidade, é a coherencia da mocidade que move-nos a penna e determina-lhe a trajectoria; é a vóz da mocidade que attravessa os mares, sem que o marulhar das suas ondas diminua-lhe sequer a vibrancia, para levar, como um protesto, o inteiro e franco apoio de um punhado de moços que se dedicam no Recife com fervor ao estudo do Direito, para cuja victoria e imperio reune forças sobrehumanas, aos estudantes da Polytechnica do Rio gravemente desfeiteados, o que quer dizer— desfeiteada a propria mocidade de Pernambuco.

E' o nosso passado— gloriosissimo passado que nos ensina a lição no presente, illuminando-nos os passos no futuro.

Com estas palavras que o bom senso da mocidade nos dicta, vae a nossa inteira e incondicional solidariedade juntar-se ao choro das vozes que clamam contra a injustiça com que fere a policia os estudantes de engenharia, na reprovação desse acto vandalico, de cuja

copart'cipação não se póde eximir o Presidente da Republica.

E ao terminal-as, nós ouvimos, por sobre as nossas cabeças, o estrepito de palmas— sincera e enthusiastica adhesão, a dizer-nos que mais uma vez cumprimos o nosso dever.

Não nos deixemos, não, oh! walkyria brasileira, abater a tradicção honrosissima que é a aureola fulgente do nosso nome.

A Redacção.

Meu ceu

Eu tenho um céo no teu mimoso rosto,
cheio de encantos, de bellesas cheio,
limpido, claro, como um ceo de Agosto
que na minh'alma reflectir-se veio.

Desponte o dia ou seja o sol ja' posto
e' sempre alegre, luminoso, e creio
que os proprios astros com prazer e gosto
scintillam n'elle para o meu recreio.

Teus labios são a purpurina aurora,
que as tuas faces de carmim colora..,
--- rosas de carne a trescalar perfumes

As sobrancelhas, nuvensinhas pretas
os olhos teus, dos céos as borboletas,
brancas estrellas a espalhar seus lumes.

8—7—98.

Henrique Soido.

Historia do Mez

Coube-me encetar as historias dos trinta dias que não serão mais do que uma resenha de factos que, dentro do mez, causem impressão, fazendo vibrar de modo extraordinario a nossa alma.

E' um genero de mortificação, como o sabem ser as chronicas, para aquelles que descuidados da vida, saboreando os doces encantos da paz de seu gabinete de estudo, sentem alfinetar-lhe a cada passo a ideia de que tem de encher um certo numero de tiras de papel, com.....

E o pobre chronista revolve a imaginação, e nada... nada...

E' o meu estado psychico de agora.

*
* *

Ah !... a Academia do Brum, serve... estou salvo... Eis no apparecimento dessa extranha Academia, assumpto, pensei.

Mas surgio uma difficuldade : qual o intuito ? E que intuito pode ter uma academia que tem a séde no Brum, esse Brum que é assignalado por uma multidão de orelhas... grandes... isto em estylo nephelibata ?... Que diabo será isso ? Ora que sujeitos burros...

Ih !.. disse o nome dos taes... dos taes... que vivem, meditam e sonham no.. Brum...

E' congenere da Academia de Lettras do Rio.. diz a noticia.

Bravos ! Comprehendo agora a coisa... os cabras são damnados !

*
* *

A «vol d'oiseau» passei por sobre o mez; mas o que querem, se deixo de lado muita «buxa» é porque uma mais do que todas entope-me o cerebro— a pressa e por isso antes que me esqueça apresento a marca.

ALCINDO LYS.

TEDIO

Tedio negro e mortal, tedio desesperado
Queima-me o coração tal como um ferro em braza,
Enervante e tenaz em meo ser estravasa
Um toxico subtil, um fél envenenado!

Em vão procuro aqui o aconchego de uma aza,
A quentura de um seio, um ninho afrouxelado,
A caricia de um beijo, um amor não sonhado.
Para me consumir na febre que me abraza...

Tudo vacuo em redor! Como as azas de um côrvo
Tudo soturno e triste!... Enraivecido sôrvo
De meo nojo sem fim o vinho amargo e escuro...

Aguia da Idéa foge a este mal sem remedio
O cerebro ensombrai-me oh lemures do tedio...
Quem me dera na insania achar o que procuro.

Recife.

ARISTHEO D'ANDRADE.

ECHOS

Temos o immenso prazer de noticiar o completo restabelecimento do nosso prezado amigo Miguel Roza, esperado no paquete que aqui deve aportar a 28 do corrente.

Corram os dias e venha o distincto collega ao seio d'aquelles que lhe tributam a estima a que faz jus pelo seu caracter e intelligencia,

Obedecendo a uma feição moderna, o nosso programma dá margem á inclusão de artigos refutando outros que nestas columnas tenham encontrado acolhimento, sem que por isso desmereçam de valor os primeiros.

E' o que succede no presente numero com o bem elaborado escripto dos nossos talentosos collegas e queridos amigos Raul Bilhar e Adelino Costa, que com tanta maior satisfação inserimos quanto nesse criterioso trabalho desenha-se clara e nitidamente o nosso modo de encarar a tentativa de desmembração do Brazil.

A' «Exposição Jornalistica,» a realisar-se na Capital Federal proximamente, pediram-nos os seus operosos promotores o comparecimento do nosso jornal.

— A prepotencia da policia do Rio, attentando contra a vida dos estudantes e lentes da Polytechnica ali, produziu no animo de nossos collegas justo odio, que elles souberam traduzir nas palavras que vão a seguir:

" Dr. Prudente de Moraes.—Mocidade Faculdade Direito, indignada diante ultimos acontecimentos Escola Polytechnica protesta vehementemente."

" Paiz, Jornal Commercio.—Rio— Mocidade Faculdade Direito protestou em telegramma Presidente Republica contra actos selvageria commettidos Escola Polytechnica".

Em resposta aos telegrammas, acima, recebemos os dois seguintes :

"Alumnos Direito—Recife.

Escola Polytechnica Rio declara-se agradecida digno protesto companheiros Recife.»

«Estudantes Direito»

Agradecemos solidariedade distinctos collegas.

Commissão Geral Rio.

Acaba de entrar para o corpo redaccional desta revista o nosso estimadissimo amigo e talentoso collega Miguel Rosa.

E' escusado dizer-se o quanto vale para nós o distincto moço como homem, como collega e como cidadão.

O seu talento e invejavel caracter são os brazões que o recommendam.

ESPIRITO ERRANTE (*)

E' meia noite ! A lua descuidada
Vaga no e paço azul, palpita e brilha
Como um diaphano flocco de escumilha
Que estremecesse aos beijos da alvorada.

Tudo reposa emfim ! Nesta encantada
Hora de amor que á naturesa humilha,
Eu, só, contemplo a branca maravilha,
Só, eu admiro a virgem namorada !

E que lembranças mysticas eu sinto
De minha infancia, de meu sonho extincto,
Fitando a lua candida, inspirada!

Meu pensamento vôa além dos ares.
Buscando doce allivio aos meus pezares,
Nas sol tar as regiões do Nada !

Pernambuco, Julho de 1898

EDMUNDO FILHO

Impressos e Impressões

Estão sobre nossa banca numeros da *Tribuna*, *Commercio de Alagoas*, *Lanterna Magica*, *Rio Negro*, *Labor*, *Piauhy*, *Era Nova*, *Oriente*, *O Livro*, o *Federalista*, o *Commercio de Pernambuco*, a *Semana* e a *Bahia*.

Agradecemos a gentileza dos confrades.

(*) Reproduzido aqui, por ter sahido truncado á pagina 13.—A REDACÇÃO.